



## **PEDAGOGIA DA AUTONOMIA: SABERES NECESSÁRIOS À PRÁTICA EDUCATIVA**

João Carlos Araújo de Sousa <sup>1</sup>  
Ana Christina de Sousa Damasceno <sup>2</sup>  
Christiana de Sousa Damasceno <sup>3</sup>  
Maria dos Remédios Nunes da Costa <sup>4</sup>

### **RESUMO**

Este artigo está relacionado aos estudos desenvolvidos sobre a formação continuada de professores, e tem como objetivo principal propor uma reflexão sobre a educação brasileira e seu processo de transformação. Para isso, realizaremos nossa análise através da literatura de Paulo Freire, especificamente em sua obra *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa* (FREIRE, 2018). Diante desta obra e através de uma pesquisa bibliográfica, Analisaremos os saberes que Freire chama de necessários à prática educativa, em sua obra, última publicada em vida, apresenta uma reflexão sobre a prática educativa na formação de professores, bem como reflexões acerca de proposições que devem ser indiciadas, isso é elucidado dentro de uma abordagem educativo-progressista, que examina uma investigação de saberes fundamentais, elencados através de exigências de um ensino que elucide e trabalhe os princípios da autonomia do educando. Fortalecendo teorias que abordam práticas coerentes com a contextualização social da realidade dos alunos.

**Palavras-chave:** Formação Continuada, Paulo Freire, Pedagogia da Autonomia, Educação.

### **INTRODUÇÃO**

Analisaremos os saberes que Freire chama de necessários à prática educativa, em sua obra, última publicada em vida, apresenta uma reflexão sobre a prática educativa na

<sup>1</sup> Mestre em Artes, Patrimônio e Museologia pela Universidade Federal do Piauí - UFPI (2018-2020). Graduado em História pela Universidade Estadual do Piauí - UESPI (2009-2012) - Campus Parnaíba. Analista em Cultura e Produtor Cultural junto ao Serviço Social do Comércio – SESC, [joaocarlos\\_phbg3@hotmail.com](mailto:joaocarlos_phbg3@hotmail.com);

<sup>2</sup> Doutoranda em Ciências da Educação (UTIC); Mestre em Letras (UESPI); Especialista em Educação Infantil (UESPI) e em Gestão Municipal de Educação (UFPI); Graduada em Pedagogia (FAP/UNINASSAU) e em Letras/Português (UESPI). Coordenadora Pedagógica Rede Pública Municipal de Ensino de Caxingó – PI e professora do Ensino Superior na Faculdade de Ensino Superior de Parnaíba (FAESPA). [anachristinadamasceno@gmail.com](mailto:anachristinadamasceno@gmail.com);

<sup>3</sup> Mestranda em Ciências da Educação pela UTIC – PY. Pedagoga, Especialista em Psicopedagogia pelo INTA – Ce. Professora da rede Municipal de ensino de Parnaíba e da Faculdade DEXTER. [chrisousad@hotmail.com](mailto:chrisousad@hotmail.com);

<sup>4</sup> Especialista em Metodologia de Língua Portuguesa e Literatura pelo INTA, Graduada em Letras/Português pela UESPI, [remedios-costa@hotmail.com](mailto:remedios-costa@hotmail.com).



formação de professores, bem como reflexões acerca de proposições que devem ser indicadas, isso é elucidado dentro de uma abordagem educativo-progressista, que examina uma investigação de saberes fundamentais, elencados através de exigências de um ensino que elucide e trabalhe os princípios da autonomia do educando. Fortalecendo teorias que abordam práticas coerentes com a contextualização social da realidade dos alunos.

As reflexões do livro irão nos remeter à uma prática que aponta não haver docência sem discência, que ensinar não é transferir conhecimento e é, essencialmente, uma capacidade humana, temas gerais que se especificam nos três capítulos do livro, e que serão tomados como princípios nas formações docentes ao longo dos anos.

Dessa maneira, orienta-se que os educadores possam ensinar com rigorosidade metódica, pois o autor conduz a um entendimento que não há, ou não deve haver, ensino sem pesquisa aproximando os educandos do conhecimento, mediados com curiosidade, persistência, criatividade, investigação, humildade, ética e estética, levando à busca de tal processo cognitivo por meio de indagações, que fazem parte de uma prática, que encaminham à uma autonomia do ser, de maneira crítica e construtiva, organizando e aprimorando saberes atrelados à práticas, tais aspectos contextualizados à realidade social na qual seus indivíduos estão inseridos. Tal prática educativa vai partir, segundo Freire, de professores que zelam pelo ensino crítico-reflexivo, ou seja, um ensino que conduza seus alunos à uma criticidade de questionar e de transformar o seu contexto social.

## **METODOLOGIA**

Ao realizar o presente trabalho de pesquisa, buscou-se embasamento teórico-metodológico em autores, artigos científicos, e demais publicações acadêmicas, que possibilitarão ampliar o leque de conhecimentos sobre o livro de Paulo Freire, *Pedagogia da Autonomia*, refletindo sobre os saberes necessários à prática educativa; obedecendo a critérios específicos, conforme indica Marconi e Lakatos (1992):

Pesquisa bibliográfica “é o levantamento de toda a bibliografia já publicada, em formas de livros, revistas, publicações e imprensa escrita”. A pesquisa qualitativa “se caracteriza pela qualificação dos dados coletados, durante a análise do problema”. E a pesquisa descritiva



se dedica a descrição dos dados coletados durante a realização do estudo (MARCONI E LAKATOS, 1992, p. 43).

A pesquisa científica deve agregar valores a temática e contribuir com novas soluções que possibilitem sanar problemas associados ao objeto de estudo, ampliando a visão do autor e dos leitores em relação ao mesmo, a princípio atendendo as necessidades do pesquisador, que busca atingir objetivos determinados. A pesquisa bibliográfica, constitui-se como possibilidade ampliada de análise epistemológica e conceitual, alargando o radar entre autores e construções conceituais, proporcionando assim, uma investigação fundamentada. A seleção desses autores e principalmente a forma do constructo dialógico formatado através de seus principais pontos teóricos, é fundamental para formulação de uma análise ampliada, precisa e principalmente sensível do ponto de vista educacional, área principal que constitui a investigação aqui proposta.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

### **NÃO HÁ DOCÊNCIA SEM DISCÊNCIA**

O processo de ensino-aprendizagem se apresenta de forma cíclica, onde o emissor (professor) age de forma modeladora, no sentido de passar conhecimento que modela os receptores (alunos), e levando em consideração que estamos em constante processo de aprendizagem, certamente o mesmo indivíduo ocupa a falsa posição modeladora momentânea, sendo sujeito e objeto da ação da aprendizagem (FREIRE, 2002). O docente enquanto ser individual, participa do processo de ensino e aprendizagem de forma concomitante, ensina-se e aprende-se com o que ensina, isto faz parte da evolução da sociedade, o ciclo da aprendizagem. Mestres (2008) cita em seu artigo que a docência apresenta aspectos que envolvem-se intimamente com a formação geral recebida pelo discente, ou seja, a relação entre ambos e o que cada um traz como bagagem pessoal podem impactar diretamente na formação do profissional (por hora discente). A partir disto pode-se observar que docente e discente envolvem-se dentro do processo educacional de forma determinante, não somente apresentando a posição do “modelador” e seu objeto a ser modelado; neste aspecto ambos contribuem na “modelagem” do conhecimento.



A posição autoritária do docente não contribui positivamente na evolução do discente, visto que atitudes, palavras e pequenos fatos podem marcá-lo por toda a vida, de forma positiva ou não (FREIRE, 2002). De fato, uma informação passada de forma imposta certamente trará uma resistência de absorção do receptor, atrapalhando o processo de aprendizagem, porém relações teórico-práticas que incorporem uma dimensão investigativa se demonstra exitosa quanto a conseguir trazer ao discente a correlação com acontecimentos cotidianos (ALVARÉZ, ALNGEL, OSÓRIO, 2018), desenvolvendo neste a capacidade de resolver problemas pessoais e coletivos, processo que faz parte da formação intelectual do indivíduo.

O ato de ensinar perpassa pelo incentivo a curiosidade do discente, é salutar e evolutivo que a aprendizagem seja algo desenvolvido em conjunto docente-discente trocando experiências e fechando o ciclo da aprendizagem que se apresenta quase como uma “dança das cadeiras”, onde cada um e todos participam do processo ao mesmo tempo, emitindo e captando informações.

## **ENSINAR NÃO É TRANSMITIR CONHECIMENTO**

No segundo capítulo o autor inicia enfocando que ensinar não é transferir conhecimento e sim criar as possibilidades para sua construção, e para isso o professor precisa estar aberto à curiosidade dos alunos, mais que isso, instiga-la, promover o desenvolvendo de sua capacidade crítica. Prossegue ressaltando o inacabamento do ser humano, que o inclui em um incessante processo de busca que caracteriza sua curiosidade. Esse inacabamento do ser é o que determina a educação como processo permanente. “Gosto de ser gente porque, inacabado, sei que sou um ser condicionado mas, consciente do inacabamento, sei que posso ir mais além dele” (FREIRE, 1996, p. 23). Isso implica na percepção de que o indivíduo não precisa apenas se adaptar ao mundo, e sim nele se inserir. Lutar para não ser apenas objeto, mas também sujeito da história.

Outro saber necessário à prática educativa é o que fala do respeito devido à autonomia do ser do educando. A consciência do inacabamento nos fez seres éticos, e o respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético. O professor que desrespeita aspectos como a curiosidade do educando e sua linguagem, que se exime de estar respeitosamente presente à experiência formadora do educando, transgride os



princípios fundamentalmente éticos de sua existência como educador. É fundamental o bom senso e a coerência no sentido de diminuir a distância entre o discurso e a prática.

Ensinar exige humildade, tolerância e luta em defesa dos direitos dos educadores. Nesse aspecto, há mais de duas décadas atrás, Freire já defendia a necessidade de repensar a eficácia das greves, de reinventá-la.

Se há algo que os educandos brasileiros precisam saber, desde a mais tenra idade, é que a luta em favor do respeito aos educadores e à educação, que inclui a briga por salários menos imorais, é um dever irrecusável e não só um direito deles. A luta dos professores em defesa de seus direitos e de sua dignidade deve ser entendida como um momento importante de sua prática docente (...). É nesse sentido que os órgãos de classe deveriam priorizar o empenho de formação permanente dos quadros do magistério como tarefa altamente política e repensar a eficácia das greves. A questão que se coloca, obviamente, não é parar de lutar, mas reconhecendo-se que a luta é uma categoria histórica, reinventar a forma, também, histórica de lutar (FREIRE, 1996, p.27).

Ensinar exige apreensão da realidade, não apenas para nos adaptar mas sobretudo para transformá-la, nela intervir, recriando-a, pois somos os únicos seres que, social e historicamente, nos tornamos capazes de aprender, aqui entendido como uma aventura criadora, algo, por isso mesmo, muito mais rico do que meramente repetir a lição dada. Aprender para nós é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que envolve sonhos, utopias, ideais. Envolve alegria e esperança, convicção de que a mudança é possível. Daí a sua politicidade, de não poder ser neutra. Ensinar exige, também, curiosidade.

O professor deve ter consciência de que se não for movido por uma curiosidade, que provoque uma inquietude, que o insira numa busca contínua, ele não aprende nem ensina. É fundamental que tanto professor como alunos saibam que a postura deles, deve ser dialógica, aberta, curiosa, indagadora e não apassivada, quando falam ou quando ouvem. A relação professor-aluno é o fator principal desse processo, que Freire enfatizou quando colocou:

O que quero dizer é o seguinte: Não devo pensar apenas sobre os conteúdos programáticos que vem sendo exposto ou discutidos pelos professores das diferentes disciplinas, mas ao mesmo tempo, a maneira mais aberta, dialógica, ou mais fechada, autoritária, com que este ou aquele professor ensina (FREIRE, 1996, p.35).



Nesse contexto é indispensável o bom senso na relação autoridade-liberdade. Refletir sobre algumas das qualidades que a autoridade docente democrática precisa estabelecer em suas relações com a liberdade dos alunos.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ao se observar a atividade docente num ambiente democrático, pode-se identificar algumas qualidades necessárias ao exercício da autoridade nas relações com os alunos. Dentre elas a segurança em si mesmo, revela-se como essencial, pois ao demonstrar firmeza em suas ações, como atua, decide, respeita as liberdades, discute suas posições e aceita rever-se, o professor transmite segurança aos alunos, sem precisar usar de discursos repetitivos sobre si mesmo, uma vez que a legitimidade de sua autoridade se expressa através das atitudes exercidas com indiscutível sabedoria.

O professor precisa levar a sério sua formação, estudar e se atualizar continuamente, porém, a competência científica não significa (não garante) a prática democrática nas relações acadêmicas, uma vez que muitos professores, independente do gênero, muito preparados cientificamente, manifestam-se com significativo grau de autoritarismo. Segundo Freire (2019, p. 90):

A arrogância farisaica, malvada, com que julga os outros e a indulgência macia com que se julga ou com que julga os seus. A arrogância que nega a generosidade nega também a humildade, que não é virtude dos que ofendem nem tampouco dos que se regozijam com sua humilhação. O clima de respeito que nasce de relações justas, sérias, humildes, generosas, em que a autoridade docente e as liberdades dos alunos se assumem eticamente, autentica o caráter formador do espaço pedagógico.

Não há como ser professor, sem revelar com facilidade ou relutância sua maneira de ser, de pensar politicamente. Não há como escapar à apreciação dos alunos. A prática docente embasada no comportamento ético exige a revelação de decidir, assumindo as consequências pelas opções feitas, o que caracteriza comprometimento com a formação do educando sob sua condução, que vai além do ensino dos conteúdos. Um saber inquestionável inerente à prática educativo-crítica é a de que ‘a educação é uma forma de intervenção no mundo’, uma vez que como experiência especificamente humana, não lhe basta apenas reproduzir as ideologias dominantes, mas proporcionar aos educandos



condições de observar, comparar, avaliar, escolher, decidir, intervir, romper e optar, contribuindo para a construção da cidadania individual e coletiva, na tomada de consciência para a luta política em favor da recriação da sociedade injusta, a ceder lugar a outra menos injusta e mais humana.

Nenhuma relação que se expresse de forma vertical ou horizontal pelo posicionamento de seus atores, tenderá a ser frutífera na perspectiva libertadora, se o sujeito que detenha o uso momentâneo da palavra, não demonstre sua capacidade de controlar a necessidade de falar, como também de motivar a quem escuta de expressar sua resposta, e mesmo que em forma de ‘silêncio’ consiga manifestar o seu entendimento sobre o que acabou de ouvir. Só assumindo a responsabilidade de uma comunicação bilateral, entre educadores e educandos, poder-se-á admitir a pedagogia como fonte propulsora da autonomia humana.

Um professor, que exerce sua profissão como sujeito vocacionado, aprende a viver a abertura respeitosa aos outros, viabilizando o diálogo, como experiência fundante do ser inacabado, que propõe a se abrir ao mundo à procura de explicações e de respostas a múltiplas perguntas. Ensinar carrega em si uma alegria natural a quem está aberto ao gosto de querer bem, sem receios em expressar afetividade pelos educandos, como experiência específica do ser humano, sem a qual a prática docente perde o sentido. “No fundo, o essencial nas relações entre educador e educando, entre autoridade e liberdades, entre pais, mães, filhos e filhas é a reinvenção do ser humano no aprendizado de sua autonomia” (FREIRE, 2019).

## CONCLUSÃO

Diante da discussão apresentada podemos inferir que uma das condições mais importantes da prática educativo-crítica é proporcionar as condições em que os educandos em relação uns com os outros e todos através do trabalho do professor ensaiam a experiência de reconhecer-se como ser social e histórico, realizador, transformador de sua realidade, criativo, sonhador, capaz de ter raiva porque é capaz de amar.

Dessa maneira, o educador deve propor as indagações no que diz respeito à curiosidade, às perguntas dos alunos, viabilizando sua própria produção e construção, pois Freire mesmo ensinar não é transferir conhecimento, mas mediá-lo, transformá-lo.



E, ter o discernimento que o inacabamento do ser é fundamental na formação dos professores, para poder sempre buscar essa conclusão histórica e social do ser. Para isto é importante o respeito aos princípios da autonomia e da dignidade do educando, valorizando o meio social em que vive, e essa transformação provém das intervenções e práticas pedagógicas do professor.

Diante do exposto, os professores precisam ter disponibilidade para o diálogo, para uma relação dialógica em que o sujeito se abre ao mundo, para novas experiências, para novos horizontes, através da autonomia, que o faz livre. A prática educativa representa aspectos que elucidam a autonomia, tais como: domínio técnico a serviço da mudança, capacidade científica afetividade, alegria.

## REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Paz e Terra. 25ª edição. 1996.

ALVAREZ, Consuelo Vélez; ANGEL, Claudia Patricia Jaramillo; OSORIO, Alexandra Giraldo. **Docencia-servicio**: responsabilidade social em la formación del talento em salud em Colombia. Educ. Med. 2018; 19 (S2): 179-186.

MESTRES, Carlos A. **Docencia**. Cir. Cardinov, 2018, 15 (4): 331-3.